

Band-aid e cervejinha

SÃO PAULO – O setor de bebidas deverá sofrer uma retração proporcional ao aumento da alíquota do IPI a ser determinado pelo governo, segundo o diretor-geral da Companhia Cervejaria Brahma, Marcel Hermann Telles. A decisão do governo encontrou as empresas trabalhando a pleno vapor, de olho no verão e no carnaval, como é o caso da Brahma. Por conta disso, Marcel prevê a repetição do que ocorreu em 1991, quando o aumento de 20% na alíquota do imposto sobre bebidas provocou igual percentual de queda nas vendas, além do fechamento de oito fábricas e demissões em massa. Para o empresário, o governo está no caminho errado.

“O governo eleva a carga tributária, aumenta a arrecadação e continua com déficit. Isso significa que gasta muito e mal”, disse

Marcel, acrescentando que a arrecadação brasileira é uma das mais altas do mundo. Para ele, o investidor estrangeiro vai encarar o pacote como um “band aid”, pois não foram feitas reformas básicas.

O presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros), o economista Roberto Macedo, é outro que está preocupado com o efeitos das medidas na indústria e classificou como “recessivo” o pacote. Segundo Macedo, algumas medidas, como a do fim da isenção de impostos para educação, devem aumentar os gastos familiares. “Quando se gasta mais com combustível, tira-se de outro setor”, disse Macedo. O economista considerou a valorização aduaneira como positiva para o setor eletroeletrônico, mas acha que o pacote vai esfriar as vendas. “Haverá grande redução da demanda e a classe média é quem vai pagar o pato com o aumento dos impostos”, afirmou. E, ainda, completa Marcel Telles, terá de gastar um pouco mais com a tradicional cervejinha.



Telles vê um replay do que houve em 1991: redução dos negócios e fábricas fechadas